

A participação de jovens afrodescendentes em associações de imigrantes em Portugal: repercussões no envolvimento escolar *The participation of Afro-descendants in immigrant associations in Portugal: repercussions on school engagement*

Carolina Jardim* e Sofia Marques da Silva**

Resumo Este artigo pretende analisar diferentes formas de participação associativa de jovens afrodescendentes em Portugal, bem como as relações do seu envolvimento *escolar* com a sua experiência de participação e com o seu contexto familiar. Para este efeito, através de uma abordagem qualitativa, selecionou-se um conjunto de três associações de imigrantes africanos e realizou-se um conjunto alargado de entrevistas a quatro técnicos e onze jovens afrodescendentes com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos. Os resultados indicam que as associações de imigrantes são apropriadas pelos jovens enquanto espaços lúdicos de lazer, convívio, prática desportiva e voluntariado. Para além disso, estes contextos desempenham um importante papel educativo, contribuindo, em alguns casos, para o forte envolvimento escolar dos jovens.

Palavras-chave Participação cívica, associativismo imigrante, jovens migrantes, envolvimento escolar, Portugal

Abstract This article intends to analyze the different forms of associative participation of young Afro-descendants in Portugal as well as the relationships of their school engagement with their experience of participation and with their family context. For this purpose, through a qualitative approach, we selected a set of three associations with Afro-descendants and we carried out a broad set of interviews with four technicians and eleven Afro-descendant young people aged between 15 and 25 years. The results indicate that immigrant associations are appropriated by young people as spaces to leisure, socializing, practice sports and volunteering. Moreover, these associative contexts play an important educational role, contributing, in some cases, to the strong school engagement of young people.

Keywords Civic participation, immigrant associativism, migrant youth, school engagement, Portugal

* CIIE – Centro de Investigação e Intervenção em Educação, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Portugal. carolina0jardim@gmail.com

** CIIE – Centro de Investigação e Intervenção em Educação, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Portugal. sofiamsilva@fpe.up.pt

A participação de jovens afrodescendentes em associações de imigrantes em Portugal: repercussões no envolvimento escolar

Carolina Jardim e Sofia Marques da Silva

Introdução

Nos últimos 20 anos, a promoção da participação cívica juvenil tem tido um lugar de destaque na agenda política da Juventude da União Europeia. O crescente interesse político e académico por este tema nasce da constatação científica de que as gerações mais jovens, em comparação com as gerações passadas, são civicamente menos envolvidas ou estão menos inclinadas a participar na política convencional (Andolina *et al.*, 2003; Zukin, *et al.*, 2006). Os jovens estão insatisfeitos e desencantados com as formas convencionais de participação política, preferindo envolver-se em movimentos sociais, organizações locais e associações juvenis (Menezes, 2010; Cammaerts *et al.*, 2013; Chou *et al.*, 2017) ou em práticas mais informais, como é o caso do voluntariado (Jardim e Silva 2016, 2018). Assim, ao mesmo tempo que há um declínio ou recessão de formas tradicionais de participação política verifica-se uma contínua emergência, expansão e reconhecimento de novos e diversificados modos de participação alternativos ao sistema democrático formal e respetiva política eleitoral.

D'Ambrosi e Massoli (2012) sugerem que estamos perante uma fase da democracia caracterizada por uma esfera pública diferente, sendo que os jovens preferem criar oportunidades de participação que respondam aos seus interesses e necessidades. Por exemplo, ao mesmo tempo que estão num ambiente físico, os jovens socializam em espaços digitais, onde oportunidades de aprendizagem cívica podem ocorrer (Mirra e Garcia, 2017). Face a este novo retrato, o comportamento cívico passou a ser discutido de uma maneira mais ampla, incluindo diferentes tipos de ação cívica como o voluntariado ou ações comunitárias que pretendem ajudar os outros ou alcançar um bem público (Voight e Torney-Purta, 2013).

Ora a participação cívica e política de jovens com origem migrante tem sido considerada uma dimensão crucial para a promoção de sua integração, inclusão e para o desenvolvimento de vínculos comunitários (Eggert e Giugni, 2010; Guo, 2014; Global Migration Group, 2014). No entanto, esta área de investigação ainda é pouco estudada, tanto a nível nacional (Fernandes-Jesus, 2013; Ribeiro *et al.*, 2015) como internacionalmente (Stepick *et al.*, 2008; Lee e Pritzker, 2013; Born *et al.*, 2015; Ishizawa, 2015).

De acordo com Kelly (2009), envolver jovens com origem migrante em atividades de participação cívica aumenta os seus níveis de confiança interpessoal e social, tornando-os mais envolvidos na comunidade e na sociedade em geral e, por isso, melhor integrados e incluídos. Ao participarem coletivamente com outras pessoas, os migrantes podem encontrar novas formas de se relacionarem, recriando um sentido de comunidade (Becerra, 2014). As associações de imigrantes, em particular, são consideradas como um contexto crucial para o estudo da participação e integração dos migrantes na sociedade de acolhimento (Schrover e Vermeulen, 2005). Na verdade, a mobilização política, social e cívica

de imigrantes ocorre essencialmente através desses contextos (Teixeira e Albuquerque, 2005). No entanto, tal como demonstra Horta (2010), a análise das práticas associativas dos jovens com origem imigrante é ainda muito escassa e, dada a sua importância, merece uma maior visibilidade na agenda científica. Deste modo, a pertinência social e científica desta investigação justifica-se pela necessidade de produzir conhecimento no campo educativo sobre as diferentes formas de participação associativa de jovens afrodescendentes em Portugal e sobre a influência da mesma no envolvimento escolar.

O associativismo imigrante

A integração de pessoas com origem migrante – cujas culturas, línguas, religiões e valores podem diferir marcadamente das do país de acolhimento – permanece atualmente um dos principais desafios das sociedades europeias (Grzymala-Kazłowska e Phillimore, 2017), e uma das questões centrais na agenda política europeia, quer por razões económicas como sociais (OECD/European Union, 2015). A integração implica que os imigrantes e descendentes sejam membros integrais das sociedades em que vivem, tendo o mesmo acesso que os cidadãos nativos a recursos ou oportunidades sociais, como educação, emprego e outras instituições sociais (Alba e Foner, 2017).

Ora a integração é também uma preocupação do Estado português. Portugal registou nos últimos 30 anos um assinalável aumento da imigração e, por essa via, é inegável a crescente multiculturalidade da sociedade portuguesa (Scaglione, 2010). Segundo os Censos 2011 residiam em Portugal 394.496 estrangeiros, representando 3,7% do total de residentes do país. O grupo dos imigrantes dos países da América do Sul (29,1%) constitui-se como o mais representativo, logo a seguir estão os imigrantes dos Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP), com 24,4%, e os países da União Europeia, com 24,0% (INE, 2012). A política portuguesa de integração de imigrantes e descendentes adota como referência orientadora o modelo intercultural que preconiza a relação e interação dialogante entre as diferentes culturas que compõe a sociedade (Malheiros e Esteves, 2013; Costa, 2015; Rocha-Trindade, 2015).

Ora as associações de imigrantes têm um papel fundamental nos processos de integração e de socialização dos imigrantes e seus descendentes, nomeadamente nas práticas de entajuda e solidariedade e no reforço de laços culturais comuns (Albuquerque, 2002; Oliveira e Gomes, 2014; Babis, 2016). Sardinha (2009: 76), define o termo associação de imigrantes como “uma organização formada por indivíduos que se definem conscientemente como membros de um grupo etno-cultural (baseado, por exemplo, em variáveis como país de origem, herança comum, língua, religião, consciência do grupo, etc.) dentro de um contexto maior”. São dois os seus grandes objetivos: a preservação de uma identidade étnico-cultural que fomenta o vínculo entre os imigrantes e descendentes e o país de origem, e a integração no país de acolhimento (Albuquerque *et al.*, 2000; Pereira, 2007; Sardinha, 2010).

A participação associativa tem sido teoricamente relacionada com o conceito de capital social de Putnam (2000, 1993), definido como um conjunto de disposições de reciprocidade e confiança estabelecidas através das relações horizontais entre indivíduos.

A título de exemplo, Albuquerque (2013), ao estudar a participação associativa de jovens descendentes de imigrantes em Portugal, conclui que o associativismo juvenil, ao promover a socialização, o estabelecimento de redes sociais e a aprendizagem de competências sociais e cívicas, promove a aquisição de capital social e cultural, constituindo-se como um meio de educação não formal e de exercício de uma cidadania ativa.

Dada a relevância que a participação associativa pode desempenhar, e tendo em consideração que as associações são “comunidades de escolha” em vez de “comunidades de destino” (Hirst, 1996), pretendemos entender como e por que razões os jovens se envolvem em associações de imigrantes e qual a influência do seu envolvimento associativo no envolvimento escolar dos jovens. Neste sentido, por um lado iremos analisar as estratégias e oportunidades de participação que as associações de imigrantes desenvolvem para responder às necessidades e interesses dos jovens com origem migrante. Por outro lado, importa saber que significados os/as jovens afrodescendentes atribuem ao seu envolvimento associativo e, por outro lado, qual a influência da participação associativa e da cultura familiar no tipo de envolvimento escolar que os jovens manifestam.

Métodos

Este artigo é parte de um estudo de maiores dimensões ainda a decorrer sobre a participação associativa de jovens com origem migrante em Portugal. O estudo abrange nove associações de imigrantes localizadas no norte, centro e sul de Portugal: quatro associações constituídas por jovens afrodescendentes e cinco associações constituídas por jovens descendentes de imigrantes da Europa de Leste. A opção por nove contextos associativos permite-nos ter uma compreensão abrangente do associativismo imigrante em Portugal, assim como da diversidade de modos de participação de jovens com origem imigrante que vivem em diferentes contextos sociais e geográficos. No entanto, para este artigo, dada a diversidade de temas analisados, decidimos apenas selecionar três associações de imigrantes afrodescendentes.

Para alcançar uma maior aproximação possível ao ponto de vista do indivíduo, procurando saber como é que se constrói e atribui significado à experiência social, privilegiou-se a metodologia qualitativa e a entrevista como método principal. A opção metodológica pelas entrevistas justifica-se pela necessidade de ouvir as experiências e perspetivas quer da liderança e técnicos das associações quer dos jovens (Clough e Nutbrown, 2012). Na verdade, os estudos científicos sobre a participação cívica juvenil privilegiam frequentemente as perspetivas dos adultos sobre o que os jovens devem fazer como agentes cívicos, ao invés de perguntar aos jovens como é que eles que se envolvem ou que tipos de oportunidades de aprendizagem cívica experienciam (Mirra e Garcia, 2017). Neste sentido, este artigo, ao incluir a voz de jovens afrodescendentes oferece uma melhor compreensão sobre o modo como se envolvem em diferentes formas de participação associativa e sobre as repercussões da mesma participação no seu envolvimento escolar.

O processo de recolha de dados começou por uma pesquisa documental para mapear as associações de imigrantes em Portugal. Após o seu mapeamento, optou-se por selecionar

9 associações com diferentes localizações geográficas e com membros de diferentes origens étnico-culturais, nomeadamente jovens afrodescendentes e jovens descendentes de imigrantes da Europa de Leste. De seguida, visitámos as 9 associações de imigrantes e realizámos entrevistas individuais a 23 coordenadores/técnicos associativos bem como entrevistas individuais e em grupo a um total de 52 jovens afrodescendentes e do Leste Europeu com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos. Este artigo foca-se apenas em 4 entrevistas individuais feitas a 4 líderes associativos e em 9 entrevistas em grupo a 11 jovens afrodescendentes.

As três associações de afrodescendentes deste estudo são compostas por crianças, jovens e adultos de etnias diferentes e localizam-se no Sul do país. A associação caboverdiana de Sines e Santiago do Cacém (A1), criada em 1983 é composta por membros portugueses, imigrantes e descendentes (de origem africana, de Leste Europeu, brasileira, de etnia cigana) e localiza-se em Sines. A associação Lusocaboverdeana (A2) criada em 2001 é composta por membros afrodescendentes (cabo-verdianos, angolanos e guienenses) e portugueses e localiza-se em Sintra. Por último, a associação Assomada (A3), criada em 1999, é constituída por membros afrodescendentes (maioritariamente cabo-verdianos) e localiza-se em Carnaxide. De seguida, passo a descrever os participantes selecionados das três associações de imigrantes (Tabela 1). Para garantir o anonimato, os nomes dos jovens e dos líderes associativos são fictícios.

Tabela 1 - Descrição dos participantes do estudo

Nome do participante	Idade	País de nascimento	País de nascimento dos pais	Associação
Jovens				
João	16	Portugal	Cabo Verde	
Gonçalo	17	Portugal	Cabo Verde	A1
Sara	20	Portugal	Angola e Moçambique	
Pedro	17	Cabo Verde	Cabo Verde	
Duarte	18	São Tomé e Príncipe	São Tomé e Príncipe	A2
Tiago	18	Portugal	Cabo Verde e Guiné Bissau	
Lara	19	Portugal	Guiné Bissau	
Sofia	16	Portugal	Cabo-verde	
Maria	16	Portugal	Portugal e Moçambique	A3
Joana	18	Portugal	Cabo-verde	
Mafalda	23	Portugal	Cabo-verde	
Liderança da associação				
Isabel	36	Cabo Verde	Cabo Verde	A1
Mário	24	Cabo Verde	Cabo Verde	A2
Diana	29	Portugal	Portugal	
Conceição	54	Cabo Verde	Cabo Verde	A3

Resultados

1. A preocupação das associações de imigrantes com os jovens

As associações em estudo pretendem responder a um perfil particular de jovens afrodescendentes: jovens com percursos de insucesso escolar, jovens que não estudam, não trabalham nem estão em formação (A1 e A2), e jovens com baixa autoestima e desinteresse em progredir os estudos (A1, A2 e A3).

Diana - Estes jovens têm falta de autoestima e baixas expectativas, e uma descrença nas suas capacidades o que leva a que não acreditem que consigam estudar mais, e ir para a universidade, por exemplo, é algo inacessível. Muitos destes jovens logo a partir do 7.º ano não se interessam pela escola ou começam a dar problemas, e os professores rapidamente os transferem para cursos profissionais.

Conceição - Os jovens têm uma enorme descrença nas suas capacidades de progredir os estudos com sucesso. Muitas vezes os jovens usam a frase "Ah, a faculdade não é para mim" ou então dizem que não vão para a universidade porque não tem dinheiro para pagar. São raros os jovens que conseguem alcançar o ensino superior.

Isabel - Os nossos jovens em Portugal estão desacreditados deles próprios, independentemente da nacionalidade. Porque eles não sabem o que querem e não têm objetivos.

Para responder a este perfil de jovens as associações em estudo tem determinados objetivos e atividades.

Em suma, para além da preocupação com a integração social de imigrantes e descendentes, as associações de imigrantes desenvolvem estratégias de inclusão educativa dirigidas aos jovens. A A1 para além do apoio escolar e apoio na escolha de opções de formação e emprego, promove o voluntariado juvenil. A A2, através de um projeto financiado pelo programa Escolhas, que visa a inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos vulneráveis (ACM, 2015), oferece aos jovens apoio escolar e apoio na escolha de opções de formação e emprego. Para além disso, pretende atrair os jovens através do desenvolvimento de atividades lúdicas, de um espaço físico de inclusão digital e de oportunidades de mobilidade nacional e internacional. Já a A3 oferece a jovens raparigas a oportunidade de praticarem um desporto federado: o andebol. Tendo em consideração as atividades que as associações desenvolvem importa perceber os tipos de envolvimento associativo juvenil bem como os sentidos que os jovens atribuem à sua própria participação.

2. Tipos de envolvimento associativo de jovens afrodescendentes

2.1. Envolvimento lúdico: espaço de encontro, convívio e jogo

Segundo Sardinha (2009), a atração fundamental que leva os indivíduos a participar em associações de imigrantes é a herança e identidade cultural compartilhada. No entanto,

no que se refere aos jovens em estudo, o que os leva a participar não é o vínculo cultural ou étnico, mas a possibilidade de conviver, conhecer novas pessoas, desfrutar de um momento lúdico através de atividades desportivas e, no caso dos rapazes, jogar jogos virtuais. Para além disso, os/as jovens definem simbolicamente a associação como “casa” ou “família”, manifestando um sentimento de pertença à associação. Este é criado através da identificação e vínculo emocional com as pessoas que frequentam esse contexto. May (2013) define este sentimento de pertença como sentir-se à vontade consigo mesmo e com os seus contextos sociais, culturais, relacionais e materiais. Este sentimento, definido por Baumeister e Leary (1995) como sentir-se aceito e apreciado pelo resto do grupo ou comunidade é particularmente importante para o bem-estar psicológico e social do indivíduo.

Tabela 2: Caracterização dos objetivos e serviços das associações de imigrantes

	Objetivos	Serviços
Associação Assomada (A3)	<ol style="list-style-type: none"> 1. a integração social de imigrantes e descendentes 2. promover a ocupação estruturada do tempo livre de jovens e crianças 3. prevenir o insucesso escolar 	<ol style="list-style-type: none"> 1. apoio na resolução de problemas jurídicos de legalização e regularização de documentação; 2. jiu-jitsu para crianças e andebol para crianças e jovens raparigas 3. apoio escolar para crianças e acompanhamento dos resultados escolares
Associação Luso-caboverdiana de Sintra (A2)	<ol style="list-style-type: none"> 1. a integração social de imigrantes e descendentes 2. promover oportunidades de inserção laboral 3. promover a ocupação estruturada do tempo livre de jovens e crianças 4. prevenir o insucesso escolar 5. promover a inclusão digital 6. promover a mobilidade nacional e internacional 	<ol style="list-style-type: none"> 1. apoio na resolução de problemas jurídicos de legalização e regularização de documentação; apoio social; 2. apoio e promoção ao emprego e à formação. 3. espaço físico com atividades lúdicas, bem como a possibilidade de praticar kickboxing e futebol semanalmente 4. apoio escolar e apoio na procura e escolha de opções de formação e emprego 5. formações no âmbito das TIC 6. passeios a diferentes regiões de Portugal e intercâmbios internacionais
Associação cabo-verdiana de Sines e Santiago do Cacém (A1)	<ol style="list-style-type: none"> 1. a integração social de imigrantes e descendentes 2. promover oportunidades de inserção laboral 3. promover a ocupação estruturada do tempo livre de jovens e crianças 4. prevenir o insucesso escolar 5. promover o voluntariado jovem 6. promover o diálogo intercultural 	<ol style="list-style-type: none"> 1. apoio na resolução de problemas jurídicos de legalização e regularização de documentação; apoio social 2. apoio e promoção ao emprego e à formação. 3. espaço lúdico 4. apoio escolar para crianças e jovens; Apoio na procura e escolha de opções de formação e emprego 5. atividades de voluntariado. 6. atividades de demonstração da cultura africana (workshops de dança africana); atividades direcionadas para o ensino escolar para discutir temáticas como a diversidade cultural, o estereótipo, a discriminação.

Gonçalo – *A associação é bastante importante porque quando saímos da escola reunimo-nos todos aqui e não estamos fechados em casa. Sentimo-nos em casa aqui. Vimos à associação para conversar e jogar playstation. Entrevistadora – E vocês passam muito tempo a jogar playstation? João – Sim, até costumamos pedir mais 5 minutos para jogar. Gonçalo – Temos um espaço só nosso onde jogamos e até uma certa hora ninguém nos incomoda. Somos uma família. Estamos sempre muito juntos. E o nosso companheirismo é muito importante. Aqui aprendemos a relacionarmo-nos com pessoas de todas as idades, porque há atividades e festas que fazemos em que também estão crianças e adultos.*

Duarte – *A associação é a nossa segunda casa. É um local de convívio do pessoal, onde nos encontramos quase todos os dias para combinar cenas, como jogar à bola. Também conhecemos pessoas novas.*

Tiago – *Antes de trabalhar eu estava sempre aí, a jogar matrecos ou ping pong. Praticava kiboxing e também futebol. Ganhei amigos novos graças à associação e ultrapassei as minhas dificuldades de relacionamento, porque eu antes era uma pessoa mais fechada. E graças aos dois intercâmbios internacionais em que participei para além de melhorar o inglês, também conheci pessoas de diferentes culturas e países. Quando acabar este ano vou fazer mais um intercâmbio.*

Lara – *O que me motiva a vir à associação é estar com as pessoas, conviver. Quando comecei a vir cá ao espaço lúdico, há cerca de um ano, fiz mais amizades com as pessoas aqui da zona o que me ajudou na minha integração para conhecer mais pessoas.*

Para os/as jovens, a associação assume a sua importância enquanto "microespaço de convivência" (Wessendorf, 2016), sendo frequentada diariamente principalmente pelos rapazes. Ao promover "interações positivas" e a extensão de relações sociais, quer seja através do desporto, atividades lúdicas, festas ou intercâmbios nacionais e internacionais, as associações facilitam a integração social dos jovens (Fong e Shen, 2016). Para além disso, estes contextos, ao fomentar relações monoculturais, interculturais e intergeracionais, permitem dissipar barreiras ao relacionamento intercultural como sentimentos xenófobos, preconceitos e estereótipos (Orton, 2012), facilitando assim a construção de um maior sentimento de pertença à comunidade local e à sociedade.

2.2. Envolvimento desportivo

No caso das jovens da associação 3, a participação associativa traduz-se na prática de um desporto federado (o andebol) que inclui a competição no campeonato português de andebol.

Joana – *O andebol para mim é tudo. Já jogo há 10 anos. Ou seja, desde os 8 anos. E já estou há dois anos na seleção de Cabo Verde. No ano passado fomos ao campeonato africano e este ano também. E já viajei muito graças ao andebol. Eles pagam-me as viagens. Fui a Senegal, Costa de Marfim, Guiné.*

Maria – *A associação é importante para mim para praticar desporto, para conviver com a minha equipa, viajar e conhecer jovens de outras equipas e fazer novas amizades.*

A prática desportiva, ao promover interações e a relações interculturais entre jovens de diferentes origens geográficas, sociais, culturais e étnicas, propicia o desenvolvimento do capital social "*bridging*" (Putnam, 2000), facilitando a integração social das jovens (Doherty e Taylor, 2007; Burrmann *et al.*, 2017). Para além disso, visto que visto as comunidades imigrantes quando imigram tem a tendência de se concentrarem no mesmo espaço geográfico (Sowell, 1996; Alba e Foner, 2017), as oportunidades de competir num campeonato de andebol, é uma oportunidade de ouro para as jovens saltarem os muros do seu contexto social e viajarem por Portugal, prevenindo assim que se vivam situações de segregação sócio espacial, ou de isolamento social (Garcia *et al.*, 2000; Cui, 2015).

2.3 *Envolvimento cívico - oportunidade de fazer voluntariado*

Para além do envolvimento lúdico, há jovens que participam de forma mais ativa na associação, nomeadamente em atividades de voluntariado.

João - Ajudamos a associação em coisas que eles pedem. Gonçalo - Sempre que nos pedem ajuda nós não dizemos que não. Quando há festas nós podemos pôr aqui uma mãozinha.

Sara - Quando é preciso ajudar, a direção pede-nos ajuda. Elas chamam-me porque elas sabem que eu adiro e desdobro-me e faço e mil e uma coisas para poder estar sempre presente. Antes de ir para a universidade, as pessoas daqui da associação já sabiam que eu gostava de artes. E sempre puxaram muito por mim. Diziam-me: "olha agora tu é que vais fazer estes cartazes para nós espalharmos por aí. Agora tu é que vais fazer os cartões de visita". A associação sempre me motivou e deu-me muita autonomia. Tudo o que seja a parte criativa pedem-me a mim para fazer. Eu estava na faculdade e a presidente ligava-me a perguntar se no fim de semana eu vinha a Sines para fazerem uma atividade com os miúdos e eu dizia: "claro que sim". E este meu envolvimento deu-me um à vontade para conviver, para fazer, para resolver problemas e para lidar com pessoas diferentes.

No caso seguinte, as jovens atletas da Associação 3, para além de serem jogadoras de andebol tem a oportunidade de serem treinadoras de andebol de crianças.

Sofia - Enquanto treinadora ajudo os outros a aprender aquilo que eu aprendi. Eu tento passar-lhes valores como o espírito de equipa, a coragem, a confiança.

Mafalda - Ser treinadora ajudou-me a ser mais responsável e a desenvolver a minha autoconfiança. Nós temos responsabilidade de ter tudo pronto para um jogo: temos que preparar a viagem, preparar a equipa, o equipamento.

Os discursos acima mencionados revelam que o envolvimento em atividades de voluntariado, ao fomentar a responsabilização e a liderança dos jovens em atividades da associação, promove o conhecimento e empoderamento pessoal. Este empoderamento é alcançado porque os/as jovens tem oportunidade de exercer iniciativa, liderar e criar de forma colaborativa diferentes atividades (Tsekoura, 2016). Neste processo, podem expressar e desenvolver competências pessoais e interpessoais. No caso da Sara, o voluntariado deu-lhe mais autonomia bem como uma maior facilidade em se relacionar com os outros e resolver problemas. No caso da Mafalda e da Sofia, a oportunidade de

liderarem treinos de andebol, assume uma importância educativa porque para além de ensinarem um desporto e os valores do mesmo, desenvolvem competências como a confiança e responsabilidade pessoal.

3. Correlações e repercussões entre a participação associativa e o envolvimento escolar dos jovens afrodescendentes

Estudos recentes revelam que crianças e jovens com origem migrante carregam o peso de várias desvantagens, desigualdades e penalizações (Fangen, 2010; Gerritsen e Maier, 2012; Hammarén, 2014), enfrentando frequentemente dificuldades em pertencer à sociedade de acolhimento, bem como situações de discriminação, hostilidade e exclusão (Katarzi, 2017; Fassetta, 2015; Lee e Pritzker, 2013). Para além disso, os/as jovens com origem migrante continuam a enfrentar desvantagens na educação. Em média, em todos os países europeus da OCDE os filhos de imigrantes tendem a ter um desempenho escolar pior do que os filhos de não-imigrantes. Por outro lado, é mais provável que filhos de imigrantes estejam no grupo de jovens à margem do mercado de trabalho – isto é, aqueles que têm poucos anos de escolaridade, não estudam, não trabalham nem estão em formação (Global Migration Group, 2014). A negligência da aprendizagem, as desvantagens de classe social, as barreiras linguísticas, as expectativas da família e os processos sociais de segregação e estigmatização são dificuldades acrescidas no seu percurso educativo (Essomba, 2014). Segundo Alba e Foner (2017), nas sociedades ocidentais os filhos de famílias imigrantes com baixo nível socioeconómico, com algumas exceções, como os bengaleses e os paquistaneses da Grã-Bretanha, têm níveis mais altos de abandono escolar e resultados mais baixos no ensino secundário em relação à maioria nativa.

Os estudos científicos demonstram que o atual abandono escolar é frequentemente o culminar de um longo processo de “*disengagement*” escolar (Makarova e Herzog, 2013; Costa *et al.*, 2013). Axelson e Flick (2011) demonstram que o envolvimento escolar está relacionado com o envolvimento – comportamental, emocional e cognitivo – bem como com o interesse, e vinculação que os estudantes têm nos seus cursos, e nas suas instituições de instrução. Por último, Pattie Johnston e outros colegas investigadores (2015) afirmam que o envolvimento escolar está relacionado com a automotivação dos estudantes, que é fruto de um desejo de aprender e alcançar objetivos.

Ora a participação em atividades extracurriculares, como é o caso da participação associativa, está associada ao aumento da realização educacional, reduzidos problemas de comportamento, melhores atitudes em relação a objetivos educativos, e redução da probabilidade de abandonar a escola (Peguero, 2011). Sendo assim, importa perceber qual é a importância que os/as jovens atribuem ao apoio educativo oferecido pelas associações e que tipo de influência este apoio têm no seu envolvimento escolar.

3.1. Forte envolvimento escolar: Preocupação e motivação em ter sucesso escolar e em estudar para além do ensino obrigatório

As jovens da A3 que têm um envolvimento desportivo, manifestam, na maioria, um forte envolvimento escolar. São várias as razões: os treinadores acompanham os seus

resultados escolares e preocupam-se com o seu sucesso escolar. A título de exemplo, ter bons resultados escolares influência positivamente a possibilidade de as atletas treinarem e jogarem no campeonato. Como iremos constatar, esta estratégia motiva as jovens a terem um maior sucesso escolar.

Maria - Já houve um tempo em que quem tinha mais de 3 negativas tinha a possibilidade de ter a ajuda de uma senhora que nos dava explicações e apoio no estudo. E enquanto não subíssemos as notas não podíamos jogar nos jogos do campeonato. Os nossos treinadores diziam que nós ficávamos demasiado empenhadas no treino. E que em primeiro lugar está a escola. E esta estratégia ajudou-me a melhorar o rendimento na escola.

Sofia - O facto de estar aqui no andebol também me ajudou a estar mais comprometida, responsável e disciplinada com a escola porque eu para poder vir treinar tenho que ter boas notas. Os treinadores perguntam-me.

No que se refere à A1, o apoio escolar, a preocupação com o percurso escolar dos jovens e o encorajamento por parte da liderança da associação pela progressão nos estudos influencia positivamente o seu *envolvimento* escolar:

João - A associação preocupa-se com o nosso percurso escolar. Costumam perguntar como é que vai a escola, e as notas. Perguntam-nos se temos dúvidas. Se quisermos estudar elas ajudam-nos e isso ajuda-nos.

Sara - A presidente da associação fez muita força para eu ir para a universidade. Perguntava-me: "então, já trataste das coisas para ir para a universidade? Já tens casa?" A associação faz isto com todos. Querem saber como é que está a escola...

Os jovens da A1 e da A3 que para além de um envolvimento lúdico têm um envolvimento cívico, participando em ações de voluntariado, revelam um forte envolvimento escolar, manifestando interesse e motivação em investir no percurso escolar e em progredir os estudos para além do ensino obrigatório. O João e o Gonçalo desejam ir para a universidade e a Sara, já licenciada, quer continuar a investir na sua formação académica. A Sofia e a Mafalda, que são voluntariamente treinadoras de andebol de crianças na associação, também demonstram interesse em investir no seu percurso escolar. Por outro lado, o Tiago da A2, que se envolve na associação de uma forma lúdica, participando em vários intercâmbios internacionais, também deseja enveredar pelo ensino superior, sendo que ao mesmo tempo que estuda, trabalha para futuramente conseguir pagar as propinas.

João - E eu quero ir para a universidade. Gonçalo - eu também gostava.

Sara - Eu acabei a licenciatura mas quero continuar a estudar. Adoro estudar. não continuei logo, porque tive necessidade de parar para perceber o que é que é o mundo do trabalho. E também não tinham que ser os meus pais a continuar a pagar-me os estudos. Gostava de fazer mestrado não dentro de design.

Tiago - Eu estou a trabalhar porque eu quero ir para a universidade e preciso de dinheiro para ir para a faculdade e também para tirar a carta. Se tiver dinheiro até ao 12.º para ir para a faculdade vou. Mas se não tiver, trabalho mais um ano.

Sofia - Os meus dois grandes objetivos são levar longe os meus estudos e o andebol. Eu já joguei na seleção de Cabo Verde de andebol de praia e andebol normal. Ainda não sei para que curso vou na universidade.

Mafalda - *Arrependo-me de não ter continuado a estudar. Eu optei por não ir para a faculdade depois do 12.º ano porque achava que estava cansada. Eu sempre gostei de estudar. Eu gostava de tirar um curso superior em desporto ou educação. Ainda sou novinha por isso ainda posso ir.*

3.2. *Fraco envolvimento escolar: falta de identificação com o sistema de ensino, desinteresse em estudar e enveredar pelo ensino superior*

A associação 2 oferece apoio escolar, e ajuda os jovens a construir currículos e a procurar percursos de formação e de emprego. No entanto, como refere o técnico Mário, os jovens não participam no apoio escolar e, como iremos constatar, esta falta de participação reflete-se negativamente no envolvimento escolar de alguns jovens.

Mário - *Nós acompanhamos os jovens através do apoio escolar, fora deste bairro. Mas estes jovens não vão para lá. Não se interessam. Dizem que lá em cima é muito longe. E quando têm algum trabalho para fazer vêm ter comigo.*

Em geral os/as jovens deste estudo denotam uma falta de identificação com o ensino regular, mais precisamente um desinteresse pelas aulas, que "não cativam" ou são "muito teóricas". Para além disso, alguns jovens, nomeadamente os da A2, denotam dificuldades escolares nas disciplinas de português e matemática. Ora a perda de interesse e motivação pelo ensino regular e pela própria aprendizagem leva a que alguns jovens faltem à escola, o que em alguns casos culmina em reprovações. De forma a contornar este desinteresse pelo ensino regular, a maioria dos/as jovens opta por enveredar pelo ensino profissional, que é elogiado por privilegiar a componente prática em detrimento da componente teórica.

Lara - *Eu não tenho nada contra a escola. Até é agradável estar com os amigos e conhecer novas pessoas. O problema são as aulas que são bué chatas. Os professores hoje em dia, não sabem cativar os alunos. Eles chegam às aulas e põe-se a escrever ou metem-se a falar. E eu também tenho muitas disciplinas e é bué cansativo. É muita matéria. Eu estou em economia e acho muito difícil porque não sou boa a matemática. Mas para o ano vou para um curso profissional de cozinha. Uma das vantagens destes cursos é que não é só teoria. Pelo contrário, temos oportunidade de praticar. E dá-nos mais vontade de estudar.*

Pedro - *Ainda estou no 8.º ano. Reprovei este ano por faltas a português e matemática. Tenho mais dificuldades nestas disciplinas. Entrevistadora - Na escola onde estás, a tua turma, não se entreejudam? Pedro - Não. Na turma ao invés de ajudarem, ficam a gozar os outros. Entrevistadora - Mas porque é que faltas às aulas? Pedro - Porque não tenho motivação nem vontade. Por isso ficava em casa a dormir ou com os amigos. E às vezes também tinha treinos de futebol no horário da escola. No 9.º ano vou para um curso profissional relacionado com desporto porque é mais fácil para mim.*

Joana - *Eu não gostava do ensino regular. Não me identificava. Não gosto de matemática. No ano passado chumbei por faltas por isso optei pelo curso profissional. Eu faltava porque não me cativava a escola. Não tinha motivação. Este ano é o terceiro ano em que estou no 9.º ano.*

Nos seguintes discursos, o Duarte e o Pedro manifestam vários argumentos para justificar o seu desinteresse por enveredar pelo ensino superior. Por exemplo, o argumento "estudar não dá dinheiro" revela que prosseguir os estudos é uma opção pouco apelativa, que não compensa o esforço ou o investimento visto que ter sucesso académico ou uma licenciatura não é considerada uma garantia de emprego. Como tal, ir trabalhar ou enveredar por um curso profissional surge como o caminho mais fácil para entrar na terra dos seus sonhos: o mundo do trabalho. Somando a estas razões, a falta de apoio dos colegas na escola ou as dificuldades de aprendizagem, contribuem para uma descrença nas próprias capacidades individuais para conseguir ter um percurso educativo de sucesso. Por último, o facto de na comunidade em que os jovens se inserem serem escassos os exemplos de pessoas que enveredaram pelo ensino superior, contribui para que o seu interesse em investir num percurso escolar e académico se esfrie. Assim, o 12.º ano surge como destino final.

Entrevistadora - *Vocês querem ir para a universidade?* Duarte - *Eu não... A universidade é cara, é preciso pagar. Trabalhar dá dinheiro... E estudar, não dá dinheiro. E às vezes não vais ter dinheiro, e vais ficar à toa... E eu conheço pessoas que já acabaram a universidade e depois trabalham na Worten.* Pedro - *Eu acho que a universidade não é para mim. Acho que não tenho cabeça para aprender aquela matéria. Só vou estudar até ao 12.º ano.* Entrevistadora - *E vocês tem amigos que estão na faculdade?* Pedro - *Não...* Duarte - *Eu conheço um rapaz...*

Lara - *Eu não quero ir para a universidade. Agora estou no 10.º ano e já está a ser muito difícil, eu duvido muito que eu consiga continuar a estudar e ir para a universidade. Se o secundário é difícil imagina na universidade, onde são muito mais exigentes. Não vou conseguir. Ainda por cima eu já reprovei. Por isso no mínimo o 12 ano tenho que fazer.*

Por outro lado, quando os/as jovens investem num percurso desportivo com vista a uma futura carreira profissional desportiva, o percurso escolar acaba por passar para segundo plano, como é o caso da Joana que participa na equipa de andebol da associação 3 e na seleção nacional de Cabo Verde.

Joana - *Eu interesse-me mais pelo andebol do que pela escola. A minha ambição é o andebol. Quero ser jogadora de andebol profissional.*

4. A influência da família no envolvimento escolar dos jovens - a ausência de uma "cultura educativa" familiar

Nos países da Europa Ocidental, a maioria dos filhos de pais imigrantes com baixo estatuto socioeconómico são desfavorecidos no campo da educação. Isto porque as suas famílias têm baixos níveis de qualificação académica e são frequentemente incapazes de oferecer aos seus filhos a devida orientação e apoio escolar (Alba e Foner, 2017). De facto, os níveis de educação e a condição socioeconómica dos pais parecem ter uma forte influência no desempenho educacional dos seus filhos (Global Migration Group, 2014). Aliás, a origem social parece ser uma explicação importante para as diferenças dos resultados escolares entre nativos e alguns grupos étnicos minoritários (Lindemann e Saar, 2012). Para além

disso, algumas características da família, incluindo a interação verbal e afetiva entre pais e filhos, a extensão da disciplina e controlo, as expectativas e crenças dos pais em relação ao sucesso dos seus filhos contribuem para o seu sucesso educacional (Feinstein *et al.*,2008). Tendo em consideração estes dados, importa perceber a influência da família no envolvimento escolar dos jovens.

Na perceção da liderança das três associações, a maioria dos jovens em estudo não têm uma "cultura educativa familiar", isto é, pertencem a famílias com um estatuto socioeconómico baixo e com poucas qualificações académicas. Somando a estes fatores, a falta de acompanhamento familiar do percurso escolar dos seus filhos, as baixas expectativas dos pais em relação ao sucesso escolar dos filhos, e a desvalorização familiar do próprio estudo e das qualificações académicas, influencia negativamente o interesse, o compromisso e o investimento que estes jovens depositam na escola.

Isabel – A maioria destes jovens não tem acompanhamento dentro de casa. Não porque os pais não queiram, mas porque não têm conhecimento para os ajudar porque têm pouca escolaridade. Para além disso, muitos dos jovens são subestimados pelos pais, e dizem aos seus filhos: tu tens é que ir trabalhar, não precisas de estudar porque o estudo não te vai levar a nada.

Diana – Os jovens são influenciados pelos pais, que vieram para cá para trabalhar e então, até podem querer que os filhos estudem, mas estudar para além do 12.º ano ninguém tem grandes expectativas que possa acontecer. Nem os pais nem os filhos. E estudar nem sequer é bem visto.

Conceição – O não encontrar referencias no seio do agregado familiar ou na comunidade, contribui para que sejam poucos os que chegam ao ensino superior.

a) A família não resiliente face ao insucesso escolar e a família que encoraja os jovens a investir nos estudos

O testemunho dos seguintes jovens, demonstra que as suas famílias não são resilientes face ao seu insucesso escolar, aconselhando-os a procurar emprego caso não tenham sucesso na escola.

Joana – O meu avô disse-me: se a escola já não está a dar, vai trabalhar. Mas eu disse-lhe que não, que tenho que continuar na escola porque ainda sou nova para trabalhar.

Duarte – A minha mãe disse-me se eu não estiver bem na escola para ir trabalhar. Entrevistadora – E os teus pais não te dizem nada por faltares às aulas? Duarte – Não.

Por outro lado, como podemos ver nos seguintes discursos, os jovens que manifestam interesse em investir nos seus percursos escolares e em prosseguir os estudos são aqueles cujas famílias acompanham o seu percurso escolar, e estabelecem algumas exigências como forma de disciplina para promover o sucesso escolar dos seus filhos. Por exemplo, a Sofia e a Mafalda para poderem ir treinar andebol na associação têm que estudar e ter bons resultados escolares.

Sara – *Foi o meu irmão mais velho que me picou para eu ir para a universidade. A minha mãe tem mais escolaridade que a média das pessoas aqui do bairro, e também me motivou a ir para a faculdade e a pagar as propinas.*

Tiago – *A minha mãe quer que eu estude. Ela só tem o 9.º ano e arrependeu-me muito de não ter continuado a estudar. Então ela está a sempre a dar-me na cabeça para eu estudar.*

Sofia – *Tenho que dar satisfações aos meus pais para poder vir treinar. Tenho que ser mais disciplinada e responsável na escola para poder vir aos treinos*

Mafalda – *A associação sempre foi um motivo para eu estudar. Para poder vir aos treinos tinha que estudar, ter boas notas e fazer algumas coisas em casa. A minha mãe dizia-me: “se queres ir ao andebol tens que fazer isto e aquilo”.*

Conclusão

O discurso dominante sobre a participação assume que os seus benefícios são inquestionáveis para a sociedade e para o indivíduo (Fernandes-Jesus, 2013). A participação cívica pode promover o desenvolvimento da confiança interpessoal e de competências pessoais, cívicas e sociais (Putnam, 2000; Schimdt *et al.*, 2007), assumindo um papel crucial no desenvolvimento de um sentimento de pertença, respeito pelos outros e responsabilidade social (Fahmy, 2006). No entanto, é claro que experiências de participação não são inerentemente boas (Azevedo, 2009), podendo ter efeitos indesejáveis ou negativos quer sobre os indivíduos, quer sobre as comunidades, por exemplo, reforçando estereótipos e preconceitos (Fernandes-Jesus *et al.*, 2012; Menezes, 2010).

Este estudo em particular, revela que a participação associativa é uma experiência benéfica para os/as jovens, quer a nível social quer a nível educativo. As associações de imigrantes atraem os/as jovens enquanto espaços lúdicos de lazer e convívio. E é nestes contextos associativos que o desporto, em particular, e o lazer em geral, assumem uma importância social, pois a construção de laços e relacionamentos significativos tem o potencial de desenvolver capital social, dando acesso a uma rede de recursos e apoio que, de outro modo, estes jovens não teriam (Glover, 2018). O envolvimento num desporto federado, em particular, não se reduz meramente à prática de um desporto. O andebol oferece a oportunidade de conviver, viajar, conhecer jovens de outras localidades bem como participar na seleção de Cabo Verde. Por conseguinte, os contactos interculturais que o desporto e as atividades lúdicas promovem proporcionam oportunidades de aprendizagem relacional e cultural (Stodolska, 2015). Por outro lado, as atividades de voluntariado promovidas por estes contextos associativos assumem um valor educativo significativo pois oferecem aos jovens a possibilidade de serem os criadores e líderes de atividades, tendo em consideração os seus interesses e competências pessoais. Na perceção dos/das jovens este envolvimento voluntário desenvolve as suas competências de liderança, autonomia, confiança e responsabilização.

No que diz respeito à preocupação educativa das associações, os jovens revelam que a associação é importante por diferentes razões: por encorajá-los a obter bons resultados escolares e a progredir na formação académica, pelo apoio escolar que disponibilizam, pelo apoio na procura e escolha de opções de formação e emprego, e na construção

de currículos. De facto, os resultados demonstram que as estratégias educativas desenvolvidas pelas associações têm uma influência positiva no envolvimento escolar dos jovens. No entanto, a falta de uma cultura educativa familiar e a falta de participação de alguns jovens nas atividades educativas das associações (como o apoio escolar), acaba por enfraquecer o envolvimento escolar de alguns jovens.

No geral, os/as jovens que se envolvem na associação apenas de forma lúdica, e que para além de não frequentarem o apoio escolar da associação não tem o apoio e incentivo familiar para estudar e investir no seu percurso escolar, manifestam um fraco/baixo envolvimento escolar. A falta de identificação com o ensino regular e as dificuldades escolares a matemática e a português tem uma importância significativa na diminuição da motivação e do interesse pela aprendizagem escolar e pela possibilidade de enveredar pelo ensino superior, que é aliás visto como um destino inalcançável.

Já os/as jovens que, por um lado, se envolvem na associação através do voluntariado ou de experiências internacionais como intercâmbios juvenis e, por outro lado, usufruem do apoio escolar da associação e do incentivo da família, demonstram um forte envolvimento escolar. Este forte envolvimento manifesta-se na preocupação com o sucesso escolar e no interesse e motivação em prosseguir e investir no próprio percurso académico. Por exemplo, o Tiago para poder enveredar pelo ensino superior trabalha enquanto termina o ensino obrigatório para conseguir pagar futuramente as propinas.

Por último, as jovens atletas que tem um envolvimento desportivo, manifestam um forte envolvimento escolar, com exceção da Joana. São vários os fatores que contribuem para tal: o próprio desporto e o acompanhamento do percurso escolar por parte dos treinadores contribuem para a disciplina e maior compromisso com o sucesso escolar e, por outro lado, as jovens têm um apoio e incentivo familiar para continuar a estudar. Uma das exceções deste perfil é a Joana, que manifesta um fraco envolvimento escolar, porque para além de não se identificar com o ensino regular e ter dificuldades de aprendizagem a Português e Matemática, provém de uma família que não é resiliente face ao seu insucesso escolar, encorajando-a a optar pelo inserção no mercado do trabalho em detrimento de um percurso escolar.

Em suma, este estudo permite-nos, em primeiro lugar, corroborar outros estudos relativos à importância das atividades extracurriculares (Peguero, 2011) e das relações sociais positivas e de apoio (Garcia-Reid *et al.*, 2013) para criar incentivos convincentes para frequentar a escola, envolver-se no processo de aprendizagem, e trabalhar para alcançar o sucesso académico. Para além disso concluímos que apesar do papel central que as associações de imigrantes exercem no envolvimento escolar juvenil, a família ainda exerce uma forte influência no compromisso, interesse e expectativas que os jovens têm em relação à própria aprendizagem e à formação académica. Neste sentido, consideramos fundamental que as associações que têm uma preocupação educativa com esta população juvenil desenvolvam estratégias que estejam além do mero apoio escolar e da oferta de opções de formação e emprego. Por exemplo, um trabalho de desconstrução das descrenças em relação à utilidade da educação, bem como um trabalho de construção de expectativas escolares e académicas e de competências de resiliência para ajudar os jovens a lidar com o insucesso.

Referências Bibliográficas

- ACM (2015), *Plano Estratégico para as Migrações 2015-2020*. Disponível aqui.
- Alba, R. and Nee, V. (2004), *Strangers no more. Immigration and the challenges of integration in North America and Western Europe*, New Jersey: Princeton University Press.
- Albuquerque, R.; Ferreira, L.; Viegas, T. (2000), *O fenómeno associativo em contexto migratório. Duas décadas de associativismo de imigrantes em Portugal*, Oeiras: Celta Editora.
- Albuquerque, R. (2002), "Dinâmicas Associativas e Comunidades Imigrantes". In S. Racismo (Ed.). *A Imigração em Portugal. Os movimentos Humanos e Culturais em Portugal*. Lisboa: SOS Racismo, 366-381.
- Albuquerque, R. (2013), *Associativismo, capital social e mobilidade: contributos para o estudo da participação associativa de descendentes de imigrantes africanos lusófonos em Portugal*, Tese 41 da Coleção Teses do Observatório da Imigração, Lisboa: ACIDI. Disponível aqui.
- Andolina, M. W., Jenkins, K., Zukin, C., & Keeter, S. (2003), "Habits from home, lessons from school: Influences on youth civic engagement", *Political Science and Politics*, Vol. 36:2, pp. 275-280.
- Axelson, R. D. e Flick, A. (2011), "Defining Student Engagement", *Change: The Magazine of Higher Learning*, Vol. 43:1, pp. 38-43.
- Azevedo, M. C. R. N. (2009), *Experiências de participação dos jovens: um estudo longitudinal sobre a influência da qualidade da participação no desenvolvimento psicológico*, Porto: Universidade do Porto.
- Babis, D. (2016), "Understanding Diversity in the Phenomenon of Immigrant Organizations: A Comprehensive Framework". *Journal of International Migration and Integration*, Vol. 17:2, pp. 355-369.
- Baumeister, R. F. e M. R. Leary (1995), "The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation", *Psychological Bulletin*, Vol. 117:3, pp. 497-529.
- Becerra, V. Q. (2014), "Performing Belonging in Public Space: Mexican Migrants in New York City", *Politics & Society*, Vol. 42:3, pp. 331-357.
- Born, M.; Marzana, D.; Alfieri, S. e Gavray, C. (2015), "If It Helps, I'll Carry On": Factors Supporting the Participation of Native and Immigrant Youth in Belgium and Germany", *The Journal of Psychology*, Vol. 149:7, pp. 711-736
- Burmann, U.; Brandmann, K.; Mutz, M. e Zender, U. (2017), "Ethnic identities, sense of belonging and the significance of sport: stories from immigrant youths in Germany", *European Journal for Sport and Society*, Vol. 14:3, pp. 186-204.
- Cammaerts, B.; Bruter, M.; Banaji, S.; Harrison, S. e Anstead, N. (2013), "The Myth of Youth Apathy: Young Europeans' Critical Attitudes Toward Democratic Life 1", *American Behavioral Scientist*, Vol XX(X), pp. 1- 20.
- Chou, M.; Gagnon, J.; Hartung, C. e Pruitt, L. (2017) *Young People, Citizenship and Political Participation. Combating Civic Deficit?*, London: Rowman & Littlefield.
- Clough, P. e Nutbrown, C. (2012), *A student's guide to methodology justifying enquiry* 3rd ed., Los Angeles, Sage.
- Costa, P. M. (2015), "O interculturalismo político e a integração dos imigrantes: o caso português", *Política & Sociedade*, Vol. 14: 30.

- Costa, I.; Loureiro, A.; Silva, S. M. e Araújo, H. C. (2013), "Perspectives of portuguese municipal education officers on school disengagement". *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 40, pp. 165-185.
- Cui, D. (2015), "Capital, distinction, and racialized habitus: immigrant youth in the educational field", *Journal of Youth Studies*, Vol.18:9, pp. 1154-1169.
- D'Ambrosi, L. e Massoli, L. (2012), "Bridging and bonding connections beyond the web: youth movements and civic engagement", *International Review of Sociology: Revue Internationale de Sociologie*, Vol. 22:3, pp. 530-551.
- Doherty, A., e Taylor, T. (2007), "Sport and physical recreation in the settlement of immigrant youth", *Leisure/Loisir*, Vol. 31, pp. 27-55.
- Eggert, N. e Giugni, M. (2010), "Does associational involvement spur political integration? Political interest and participation of three immigrant groups in Zurich". *Swiss Political Science Review*, Vol. 16:2, pp. 175-210.
- Essomba, M. À. (2014), "Sirius Network Policy Brief Series". Issue n. 1, 1-8.
- Fahmy, E. (2006), *Young citizens: young people's involvement in politics and decision making*, Hampshire: Ashgate.
- Fangen, K. (2010), "Social exclusion and inclusion of young immigrants. Presentation of an analytical Framework". *Young*, Vol 18:2, pp. 133-156.
- Fassetta, G. (2015), "Communicating attitudes: Ghanaian children's expectations and experiences of Italian educational institutions". *Childhood*, Vol. 22:1, pp. 23-38.
- Feinstein, L., K. Duckworth; R. Sabates (2008), *Education and the Family: Passing Success across the Generations*, Abingdon: Routledge.
- Fernandes-Jesus, M., Malafaia, C., Ribeiro, N., Ferreira, P. D., Coimbra, J. L., e Menezes, I. (2012), "Diversidade na Participação Cívica e Política". In I. Menezes, N. Ribeiro, M. Fernandes-Jesus, C. Malafaia & P. D. Ferreira (Eds.), *Agência e Participação Cívica e Política: Jovens e Imigrantes na Construção da Democracia*, Porto: Livpsic/Legis Editora, pp. 95-143.
- Fernandes-Jesus, I. M. (2013), *Diversity in civic and political participation: participation experiences among young people, immigrants and women*. University of Porto.
- Fong, E.; Shen, J. (2016), "Participation in Voluntary Associations and Social Contact of Immigrants in Canada", *American Behavioral Scientist*, Vol. 60:5-6, pp. 617-636.
- Garcia, J. L.; Jerónimo, H. M.; Norberto, R. e Amaro, M. I. (2000), *Juventude e dinâmicas de exclusão social em Lisboa*, Oeiras: Celta.
- Garcia-Reid, P.; Peterson, C. H.; Reid, R. J. (2013). "Parent and Teacher Support Among Latino Immigrant Youth: Effects on School Engagement and School Trouble Avoidance", *Education and Urban Society* Vol. XX(X), pp. 1-16.
- Gerritsen, D.; Maier, R. (2012), "Young migrants and discourses on young migrants in the Netherlands", *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, Vol. 33:7, pp. 665-678.
- Global Migration Group (2014), *Migration and Youth: challenges and opportunities*. United Nations Children's Fund.
- Glover, T. D. (2018), "All the Lonely People: Social Isolation and the Promise and Pitfalls of Leisure", *Leisure Sciences*, Vol. 40:1-2, pp. 25-35.
- Grzymala-Kazłowska, A., e J. Phillimore (2017), "Introduction: Rethinking Integration. New Perspectives on Adaptation and Settlement in the Era of Super-Diversity." *Journal of Migration and Ethnic Studies*, Vol. 44:2, pp. 179-196.
- Guo, S. (2014), "Immigrants as active citizens: exploring the volunteering experience of

- Chinese immigrants in Vancouver", *Globalisation, Societies and Education*, Vol. 12:1, pp. 51-70.
- Hammarén, N. (2014), "Identities at Stake: Young Adult Migrants and Strategies for Resisting Future Unemployment", *Young*, Vol. 22: 3, pp. 203-225.
- Hirst, P. (1996), *Associative Democracy. New forms of economic and social governance*. Polity Press: Oxford.
- Horta, A. P. (org.) (2010), *O associativismo imigrante*, Revista Migrações do Observatório da Imigração, 6, Lisboa: ACIDI. Disponível aqui.
- Kelly, D. C. (2009), "In Preparation for Adulthood Exploring Civic Participation and Social Trust Among Young Minorities", *Youth & Society*, Vol. 40, 526-540.
- INE (2012), *A população estrangeira em Portugal – 2011*. Disponível aqui.
- Jardim, C.; Silva, S. M. (2016), "Experiências de jovens no Serviço Voluntário Europeu", *Educação Sociedade e Culturas*. Vol. 49, pp. 73-92.
- Jardim, C.; Silva, S. M. (2018), "Young People Engaging in Volunteering: Questioning a Generational Trend in an Individualized Society", *Societies*, pp. 1-11.
- Ishizawa, H. (2015), "Civic Participation through Volunteerism among Youth across Immigrant Generations", *Sociological Perspectives*, Vol. 58:2, pp. 264-285.
- Johnston, P.; Beaudoin, C.; Jones, L.; Waggett, R. (2015), "Student Engagement or Simply Participation: How Does a Beginning Teacher Know?", *Kappa Delta Pi Record*, Vol. 51:2, pp. 90-92.
- Katartzki, E. (2017), "Young migrants' narratives of collective identifications and belonging", *Childhood*. Pp. 1-13.
- Lee, S. e Pritzker, S. (2013), "Immigrant youth and voluntary service: Who serves?" *Journal of Immigrant and Refugee Studies*, Vol. 11:1, pp. 91-111.
- Lindemann, K. e Saar, E. (2012), "Ethnic inequalities in education: second-generation Russians in Estonia", *Ethnic and Racial Studies*, Vol. 35:11, pp. 1974-1998.
- Malheiros, J. M. e Esteves, A. (2013), *Diagnóstico da população imigrante em Portugal. Desafios e potencialidades*, Coleção Portugal Imigrante do Observatório da Imigração, Lisboa: ACIDI. Disponível aqui.
- Makarova, E. e Herzog, W. (2013), "Hidden school dropout among immigrant students: a cross-sectional study", *Intercultural Education*, Vol. 24:6, pp. 559-572.
- May, V. (2013), *Connecting Self to Society. Belonging in a changing world*. New York: Palgrave Macmillan.
- Menezes, I. (2010), "Da (inter)acção como alma da política: para uma crítica da retórica «participatória» nos discursos sobre os jovens". In Pais, Machado & Ferreira, Vitor Sérgio (ed), *Jovens e Rumos*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 333 – 351.
- Mirra, N.; Garcia, N. (2017), "Civic Participation Reimagined: Youth Interrogation and Innovation in the Multimodal Public Sphere", *Review of Research in Education*, Vol. 41, pp. 136-158.
- Pereira, F. C. (2007), *Associativismo migrante e participação cívica: dinâmicas organizativas das associações de imigrantes angolanos, guineenses e europeus de leste na Área Metropolitana de Lisboa*, Lisboa: Universidade Aberta (Dissertação de Mestrado).
- OECD/European Union (2015), *Indicators of Immigrant Integration 2015: Settling In*, OECD Publishing, Paris.
- Oliveira, C. R. (coord.) Gomes, N. (2014), *Monitorizar a Integração de Imigrantes em Portugal*. Relatório Estatístico Decenal do Observatório das Migrações, Coleção *Imigração em números*. Lisboa: ACM. Disponível aqui.

- Orton, A. (2012), *Buiding migrants' belonging through positive interactions. A Guide for Policy-Makers and Practitioners*. Council of Europe.
- Peguero, A. A. (2011), "Immigrant Youth Involvement in School-Based Extracurricular Activities", *The Journal of Educational Research*, Vol. 104:1, pp. 19-27.
- Putnam, R. (2000), *Bowling alone*. New York: Simon & Schuster.
- Putnam, R., Leonardi, R. e Nanetti, R.Y. (1993), *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Ribeiro, N; Malafaia, C; Neves,T; Ferreira, P. e Menezes, I. (2015), "Constraints and opportunities for civic and political participation: perceptions of young people from immigrant and non-immigrant background in Portugal", *Journal of Youth Studies*, Vol. 18:6, pp. 685-705.
- Rocha-trindade, M. B. (2015), *Das Migrações às Interculturalidades*, Porto: Edições Afrontamento.
- Sardinha, J. (2009), *Immigrant Associations, Integration and Identity Angolan, Brazilian and Eastern European Communities in Portugal*, IMISCOE Dissertations. Amsterdam University Press, Amsterdam.
- Sardinha, J. (2010). "Estratégias identitárias e esquemas de integração: os posicionamentos das associações angolanas, brasileiras e da Europa de Leste em Portugal", em Horta, A. P. B. (org.), Número Temático Associativismo Imigrante, *Revista Migrações* do Observatório da Imigração, 6, Lisboa: ACIDI, pp. 59-80. Disponível aqui.
- Schrover, D. e Vermeulen, F. (2005), "Immigrant Organisations", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 31:5, pp. 823-832.
- Stepick, A., Stepick, C. e Labissiere, Y. (2008), "South Florida s immigrant youth and civic engagement: major engagement: minor differences", *Applied Development Science*, Vol. 12:2, pp. 57-65.
- Scaglione, A. O. (2010), *A identidade na encruzilhada: jovens descendentes de imigrantes e os seus processos identitários*. ISCTE.IUL.
- Schmidt, J.A; L. Shumow e H. Kackar (2007), "Adolescents' participation in service activities and its impact on academic, behavioral, and civic outcomes", *Journal of Youth and Adolescence*, Vol. 36, pp. 127-140.
- Sowell, T. (1996), *Migrations and cultures. A world view*. Basic Books: New York.
- Stodolska, M. (2015), "Recreation for all: providing leisure and recreation services in multi-ethnic communities", *World Leisure Journal*, Vol. 57:2, pp. 89-103.
- Teixeira, A. e Albuquerque, R. (2005), *Active Civic Participation of Immigrants in Portugal*. Oldenburg: Carl Von Ossietzky Universitat.
- Tsekoura, M. (2016), "Spaces for Youth Participation and Youth Empowerment: Case Studies from the UK and Greece",. *Young*, Vol. 24:4, pp. 326-341.
- Voight, A. e Torney-Purta, J. (2013), "A Typology of Youth Civic Engagement in Urban Middle Schools", *Applied Developmental Science*, Vol. 17:4, pp. 198-212.
- Wessendorf, S. (2016), "Settling in a Super-Diverse Context: Recent Migrants' Experiences of Conviviality", *Journal of Intercultural Studies*, Vol. 37:5, pp. 449-463.
- Zukin, C., Keeter, S., Andolina, M., Jenkins, K., e Delli-Carpini, M. X. (2006). *A new engagement? Political participation, civic life, and the changing American citizen*, Oxford, UK: Oxford University Press.